

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Escola de Educação Física

**FUTEBOL E VALORES RELIGIOSOS: UMA REVISÃO DA
LITERATURA**

Guilherme Krummenauer Haro

Porto Alegre / 2009

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Escola de Educação Física

**FUTEBOL E VALORES RELIGIOSOS: UMA REVISÃO DA
LITERATURA**

Guilherme Krummenauer Haro

Pesquisa apresentada como
requisito para disciplina de
Trabalho de Conclusão de
Curso II, sob a orientação de
Prof. Dr. Alberto de Oliveira
Monteiro.

Porto Alegre / 2009

"A Educação Física é uma sabedoria de viver, uma exigência pessoal e existencial, isto é, uma tarefa educativa. Desta maneira, ela, em suas raízes mais profundas, tem compromisso com a pessoa, isto é, com o crescimento, desenvolvimento e bem-estar do ser humano. Ela é um processo educativo que, antes do saber científico e do trabalho produtivo, tem um compromisso com a existência humana. Não se trata, portanto, de dar prioridades à compreensão cognitiva do homem, nem de aprender a trabalhar e produzir, mas de saber viver. O primeiro valor da existência humana é a vida, viver a Vida".

(Santin)

Dedico este trabalho a todos aqueles que, de alguma maneira, contribuíram para a minha formação acadêmica. Em especial a meus pais, Paulo e Ani, minha namorada Daniele e minha irmã Nathalia, que dispuseram seu tempo, seu apoio e seus ouvidos nos momentos bons e ruins.

Agradecimentos

Em primeiro lugar gostaria de prestar meus agradecimentos àqueles que formam a base da minha vida. Minha família. Foram eles que deram condições para que, não somente este trabalho, como também o curso fosse realizado. Mãe, Pai, Nathalia, Vô, Vó Nelsi, Vó Cisi, Dani e a todos os demais, muito obrigado!

Aos meus amigos que, por muitas vezes, foram deixados de lado para realização de trabalhos, estágios e provas. Muito obrigado!

Ao professor e amigo Alberto de Oliveira Monteiro. Obrigado pelo mestre que és! Agradeço por todas as lições curriculares e também por todas as lições de vida. Por todo o tempo disponibilizado em contribuir com este trabalho e por todas as conversas do dia a dia.

É impossível deixar de agradecer ao correspondente virtual Clodoaldo Gonçalves Leme, que cedeu muito de seu tempo em contribuições para realização deste TCC.

Por fim, mas não menos importante, a todos os que me concederam oportunidades de experiência profissional. Professores Amauri Leonhardt, Maurício Simões Décimo e Kilder Maister. E também a todos os outros professores que contribuíram para a minha formação. Muito obrigado!

RESUMO

O presente estudo trata de uma revisão da literatura acerca do futebol ligado aos valores religiosos. Mesmo sendo um assunto atual e relevante, o futebol ligado à religiosidade é pouco explorado no Brasil (LEME, 2005). Nesse sentido, essa monografia tem o intuito de ajudar na ampliação dos conhecimentos sobre as relações entre o futebol e os valores religiosos. O objetivo é o de revelar aspectos referentes à dimensão religiosa que atletas de futebol evidenciam através de sua prática esportiva e de suas ações ordinárias do dia-a-dia. Esse estudo é caracterizado por ser uma revisão bibliográfica, sendo fontes de pesquisa as principais revistas científicas nacionais, artigos, livros, capítulos de livros, teses e dissertações. O futebol é o esporte mais popular do Brasil, sendo assim, muitas das características desse jogo permeiam a sociedade. Uma dessas características é a religiosidade. Porém, devido ao forte vínculo histórico-cultural entre o esporte e a religião, as manifestações da religiosidade dos atletas podem ser de fato atos demonstradores de sua fé assim como podem ser, também, atos ritualísticos. Esse estudo sugere que devemos buscar, por intermédio de estudos empíricos, um maior aprofundamento das relações esporte e religião.

Palavras-chave: Futebol. Valores Religiosos. Futebol e Religiosidade. Manifestações Religiosas.

Sumário

1 Introdução	8
2 Metodologia	10
2.1 Caracterização da Investigação	10
2.2 Plano de Coleta de Dados	10
2.2.1 Identificação das Fontes.....	10
2.2.2 Localização das Fontes	10
2.2.3 Compilação	10
2.2.4 Fichamento.....	11
2.3 Análise e Interpretação	11
2.4 Redação	11
3 Revisão de Literatura	12
3.1 Axiologia	12
3.1.1 Os Valores e sua Escala Hierárquica	12
3.1.2 As Relações Entre os Valores	13
3.1.3 Os Valores Religiosos.....	14
3.2 Origens Religiosas do Esporte	15
3.3 Esporte e Religião	18
3.3.1 Do Esporte Arcaico ao Atual	19
3.3.2 Aproximação do Divino: O esporte como meio de ascensão.....	20
3.4 Futebol e Religião	22
3.5 Futebol e Religião no Brasil	24
4 Considerações Finais	29
REFERÊNCIAS	31

1 Introdução

Dentre os maiores acontecimentos culturais da humanidade se encontra, em uma posição bem qualificada, o esporte. Sendo assim, é muito provável que a prática esportiva carregue outros traços dessa mesma cultura. Um desses traços é o fenômeno da religiosidade, que aparece em todas as manifestações humanas e, dentre elas, destacamos o universo do esporte: amador e profissional.

No entanto, essa relação entre esporte e valores religiosos não é atual. Ela perpassa os tempos. É de uma origem muito distante de nós. Aliás, o esporte surge da religiosidade e as amostras escritas mais antigas disso são os poemas de Homero e Hesíodo.

Assim como no desporto, em geral, e no futebol profissional, em particular, dentro e fora de campo, as manifestações religiosas se fazem muito presentes. É, provavelmente, impossível de assistir a uma partida sem se deparar com manifestações religiosas, seja por parte dos atletas, da comissão técnica ou da torcida. Inúmeras são as demonstrações que comprovam esse forte vínculo, por exemplo: o goleiro que, frente a um jogo de final de campeonato leva para o lado de sua trave a imagem de uma santa; a equipe inteira se unindo no vestiário para um uníssono Pai Nosso antes de adentrarem ao campo; o atleta tocando a linha lateral e, posteriormente, fazendo o sinal da cruz quando o time entra em cena para o jogo; os jogadores da seleção brasileira após a conquista da copa de 2002, ajoelhados no círculo central agradecendo; entre outras incontáveis manifestações.

O atleta faz um gol, imediatamente volta seu olhar para o céu, com seus dedos indicadores aponta para o alto, faz o sinal da cruz. Agradece a Deus pela graça da bela jogada e pela dádiva do bonito gol (GAYA, 2008, p. 35).

Muitas dessas manifestações demonstram que o atleta parece não ser o responsável do próprio feito (ou pelo menos não crê que conseguiu determinado fato sozinho), enviando à sua entidade toda a glória dos acontecimentos. Por outro lado, certas vezes, envia ao Ser Supremo pedidos de ajuda para em um lance seguinte não errar o inacreditável gol que perdeu.

Recentemente passamos por um fato notório que liga o futebol aos valores sagrados. A FIFA (órgão máximo que rege o futebol mundial) enviou um comunicado para a CBF (Confederação Brasileira de Futebol) pedindo moderação aos jogadores mais fervorosos que, ao vencerem a Copa das Confederações de 2009, exibiram camisetas com as palavras “I Love Jesus” (eu amo Jesus) (Folha de São Paulo, 23/8/09).

Um outro grande exemplo de que o esporte e a religiosidade têm um vínculo forte, é a existência do grupo “Atletas de Cristo”. Trata-se de uma entidade existente, oficialmente, desde 1984 e que tem por objetivos levar aos atletas a palavra de Jesus Cristo e através desses atletas disseminar o evangelho da sua crença para o mundo. Isso nos mostra que não só os esportistas se valem da religiosidade, como também algumas crenças se usam do esporte a fim de propagar seus ideais, provando que se trata de uma relação que verte de ambos os lados.

Fatos como os indicados acima demonstram a forte relação que o esporte e o futebol tem com os valores religiosos, porém, os estudos sobre o tema (ou relacionados a ele) ainda são muito escassos. As literaturas são amplas na área do futebol e também na área da religiosidade, mas separadamente. Raros são os estudos que relacionam os dois assuntos.

Em relação ao tema futebol, inúmeros trabalhos (sejam eles livros, periódicos, artigos científicos etc.) trazem informações quanto aos esquemas táticos, preparação física, métodos de ensinamento, propostas pedagógicas... Mas poucos são os que estudam as proporções culturais e antropológicas acerca desse esporte. E são poucos os trabalhos que trazem as questões religiosas envolvidas com o futebol.

Embora nos últimos anos tenha crescido no Brasil o interesse dos estudiosos das ciências humanas em relação ao futebol, esse fenômeno ainda apresenta carência de estudos que o tomem como uma entidade sociológica que produz, reproduz e veicula significados públicos da população (DAOLIO, 2005, p. 1).

Mesmo sendo um assunto antigo na concepção de intelectuais, o futebol ligado à religiosidade é pouco explorado no Brasil. Estudos já foram realizados em áreas como a história e inclusive nas questões políticas que o futebol envolve. Mas pouco se tem escrito, de forma direta, sobre a questão religiosa, sendo mais comuns relatos de envolvidos com o esporte acerca da ajuda sobrenatural (LEME, 2005).

Pensando nessa carência de investigações para um tema tão amplo e relevante, esse estudo vem com o intuito de aumentar os conhecimentos sobre as relações entre o futebol e os valores religiosos e para uma melhor compreensão da força dessa parceria.

O estudo tem por objetivo revelar, através de uma discussão literária, aspectos referentes à dimensão religiosa (princípios e valores) evidenciados através da prática e das ações dos atletas de futebol.

2 Metodologia

2.1 Caracterização da Investigação

Este estudo é caracterizado por ser uma revisão bibliográfica. Tem como meta fazer uma avaliação crítica na literatura existente sobre os valores religiosos ligados ao esporte e, mais especificamente, à modalidade do Futebol, buscando um maior conhecimento sobre esse tema, e justificando a importância do assunto citado (LAKATOS e MARCONI, 1991).

2.2 Plano de Coleta de Dados

Para realizar a seguinte pesquisa, alguns procedimentos, citados abaixo, foram seguidos:

2.2.1 Identificação das Fontes

Através de bibliografias citadas em livros (ou capítulos de livros) referentes à esfera cultural do futebol, em revistas científicas, em teses de doutorado e dissertações de mestrado, realizando contatos com outros profissionais da área, e através de busca na Internet.

2.2.2 Localização das Fontes

A literatura impressa (livros, revistas, artigos, teses e dissertações) foi principalmente pesquisada na biblioteca da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul através da sua ferramenta de busca na Internet e também de visitas para entrar em contato com o material físico, como também por indicações do orientador dessa monografia.

As revistas científicas foram pesquisadas principalmente através da Internet, nos sites das principais revistas nacionais (Movimento, Motus Corporis, Revista Brasileira de Educação Física e Esporte e Revista Brasileira de Ciências do Esporte) e em uma revista do exterior (Revista Portuguesa de Ciências do Desporto), onde os seus bancos de dados foram verificados.

2.2.3 Compilação

A compilação trata-se da leitura do material conseguido, a fim de identificar as informações, estabelecer um paralelo das informações que o material diz respeito com as de sua necessidade, analisando sua consistência e veracidade.

A leitura desse material seguiu uma seqüência determinada que é a seguinte: Leitura exploratória, Leitura seletiva, Leitura analítica, e Leitura interpretativa.

2.2.4 Fichamento

É o procedimento que se faz após a leitura do material coletado, confeccionando-as através de fichas de identificação dessas obras consultadas, do registro do conteúdo das obras, do registro do comentário, colocando na ordem os registros e classificando as fichas.

2.3 Análise e Interpretação

Foi realizada a crítica do material bibliográfico consultado, e considerado um juízo de valor sobre o determinado material científico.

2.4 Redação

Esta etapa significa o final da pesquisa, na qual foi redigido dentro das normas da ABNT, exigidas, para a o trabalho de conclusão do curso, pela Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

3 Revisão de Literatura

3.1 Axiologia

Por se tratar de um estudo que traz em seu título a palavra valores, é inevitável que em seu desenvolvimento se encontrem algumas linhas destinadas à axiologia. Axiologia tem uma simples definição: é o estudo dos valores (BLACKBURN, 1997). No que se refere a esse termo, Patrício (1993) o descreve também como filosofia do valor e das atitudes e posições valorativas.

3.1.1 Os Valores e sua Escala Hierárquica

Para o princípio explicativo dos valores será redigido um trecho de Garcia e Lemos (2005, p. 18-19), dizendo que:

Valor pode ser entendido como uma maneira de ser ou de agir que uma pessoa ou instituição reconhece como ideal, podendo ser ainda percebido como um princípio de julgamento das pessoas e das coisas, dos comportamentos ou das idéias que exprimem o que realmente importa.

Pelo que foi descrito acima, valor pode ser visualizado como tudo aquilo a que se dá importância, aquilo que se tem por ideal. Não somente pelo modo de pensar, mas também pelo de agir. Por outro lado, Ibañez (1976) vai um pouco mais longe e diz que a realização dos valores é o próprio sentido da vida e que o homem não é uma realidade acabada, mas sim uma parte feita e uma parte por fazer. Ou seja, uma eterna construção e aperfeiçoamento do ser através dos valores.

Ainda com base nas explicações de Garcia e Lemos (2005) serão feitas explorações acerca dos valores e suas divisões. Para os autores, através de um quadro hierárquico, constatam-se os seguintes tipos de valor:

Valores vitais, ou econômicos: é tudo aquilo de que necessitamos de fato para viver, como comer, beber, as necessidades biológicas, etc. São as coisas que sem as quais não viveríamos, ou seja, vitais.

Valores práticos, ou de utilidade: tudo aquilo que é visto como prático, útil. Mas uma vez que perca a sua utilidade / praticidade, perderá também o seu valor. Um bom exemplo é a máquina de escrever, que se tornou completamente esquecida após a chegada dos computadores.

Valores hedonísticos, ou de prazer: aquilo que traz prazer. A pessoa que vive através desse tipo de valores faz somente aquilo que lhe dá prazer, deixando de lado tudo aquilo que não tem interesse ou que não lhe rende boas sensações. Também pode ser aquele tipo de pessoa que vive dos momentos, apenas está presente enquanto lhe rende prazer.

Valores estéticos, ou de beleza: atração é pelo visual. Só se pensa na estética, na beleza que as pessoas ou objetos possam ter. Preocupa-se mais com o exterior do que com o interior. Desfiles de moda compõem um bom demonstrador de valores estéticos.

Nesta ordem, embora os autores não citem, temos os valores lógicos ou do conhecimento cuja expressão se dá através da satisfação em aprender algo, em ler uma obra literária, desenvolver uma pesquisa científica, entre outros.

Valores éticos, ou do bem. Talvez um dos mais conhecidos e citados, são os valores éticos. É considerado adequado na sociedade que não pratique o furto, quem furta não está se usando dos valores do bem. Esse é um bom exemplo.

Valores religiosos, ou do sagrado, ou do divino: são aqueles valores atribuídos por uma determinada crença em alguma cultura religiosa, ou simplesmente pela construção própria de um lado religioso. Existem pessoas que se atêm aos valores do sagrado sem seguir uma determinada entidade, cultura ou ideologia religiosa firmada como organização. Cada pessoa pode ter a sua definição ideal de valor sagrado.

Monteiro (2007, p. 61) completa:

Os valores que deram origem à maioria dos conflitos vinculavam-se aos econômicos, aos de utilidade, aos religiosos, aos éticos e aos étnicos (...) imaginamos que os valores utilitários, estéticos, econômicos, práticos e hedonísticos são os mais fáceis de serem aplicados na vida individual e coletiva da atualidade.

3.1.2 As Relações Entre os Valores

Com o passar do tempo, ao desenvolvermos nossa vida estamos sempre em interação com os valores. Aprendemos (e discernimos) a que devemos dar mais importância. Contudo, quando colocamos certo valor no topo de nossa hierarquia nós vivemos somente aquele valor? Não. Vivemos todos os valores. Mas não os vivemos na mesma intensidade e nem os valores ocupam o mesmo lugar na vida de cada homem. Ao longo da vida e dos aprendizados que passamos acentuamos mais um valor ou outro (GARCIA, 2004). O problema é que o homem tem consciência limitada e ao apreciar um valor ele descuida de outros, colocando em luta valores que são perfeitamente compatíveis

(IBAÑEZ, 1976). A questão é saber viver compatibilizando todos os valores. Ter uma vida em valores e não pelos valores.

Assim como a passagem acima – que descreve os valores na vida humana – no esporte isso não se dá de outra forma. Todos os valores são vividos concomitantemente, porém não na mesma intensidade. Na carreira de um atleta podemos verificar vários valores diferentes como estando no topo de seu quadro hierárquico. Os mais comuns de se perceber são, de um modo geral, os valores econômicos – muitos atletas tentam e seguem na carreira esportiva por ser um meio de rápida ascensão social; contratos milionários e prêmios exorbitantes se configuram como um grande atrativo para seguir uma vida no desporto profissional. Os valores do prazer, pois muitos estão na vida esportiva porque gostam. E os valores religiosos, pois muitos atletas designam para as forças divinas toda a sua vida e sua carreira, dizendo inclusive que foram escolhidos e que tudo o que possuem devem ao seu Deus (RIAL, 2008).

Um outro fator importante de se destacar (talvez até comum de se acontecer) é o de que muitos atletas acabam por se tornar competitivos ao extremo, praticando, muitas vezes, atos ilegais para chegar ao topo – como é o caso do *doping*. Vencer acaba se transformando em uma necessidade vital e “Quando um atleta tem determinação por vencer a qualquer preço e a instituição e equipe que o cercam compartilham desse espírito, alguns excessos podem ser cometidos, fazendo com que valores éticos sejam preteridos” (SILVA e RUBIO, 2003, p. 73), passam os valores do bem para uma posição muito inferior em sua escala.

3.1.3 Os Valores Religiosos

Futebol e valores religiosos, esse é o título do trabalho. Por isso – mesmo sendo apenas mais um valor na escala – os valores religiosos merecem destaque nesse estudo. Não que eles carreguem maior importância que os demais, mas são o foco dessa pesquisa.

Assumindo tudo o que já foi descrito até essa parte, os valores religiosos serão brevemente comentados. Creio que não há a necessidade de uma nova (e repetida) explicação sobre o que são os valores religiosos, apenas seguirei o trabalho tendo por base o definido anteriormente, de acordo com a escala de Garcia e Lemos.

Quanto à hierarquia dos valores, Monteiro (2007, p.61) refere que “Na Grécia Antiga e em outras sociedades, os valores religiosos e transcendentais estavam no topo

dessa pirâmide” o que demonstra que eram os valores sagrados os guias da comunidade grega.

Sobre os valores do divino (ou sagrados, ou religiosos, ou transcendentais) considero interessante a breve passagem de Bento (2004, p. 215) - ao se referir à importância religiosa atribuída ao mês de maio – onde coloca “... porque são diversas as formas da religião e dos compromissos, vínculos e filiações à obrigação de cumprir a tarefa de viver”. Ou seja, muitas são as religiões, muitos são os cultos, mas todos eles existem simplesmente para que possamos cumprir essa tarefa que é viver.

Quanto aos pensadores que se arriscaram em adentrar no que confere às escritas acerca do sagrado, vemos que essas escritas têm bases epistemológicas que se reconfiguram com o passar das épocas. Os pensadores se baseiam em referências estabelecidas por textos sagrados, mas esses textos tornam-se diferentes. Comparando os filósofos gregos com os cristãos, as bases para o desenvolvimento dos textos gregos eram as de Hesíodo e Homero, enquanto que os cristãos banhavam-se na Bíblia. Porém, é claro, os filósofos cristãos tendem a seguir de maneira muito mais fervorosa as suas escrituras sagradas – em comparação com os gregos. Platão sente-se à vontade para censurar ou rejeitar passagens de Homero e Hesíodo, o que nunca aconteceria com os cristãos, pois os textos da Bíblia, para eles, eram sempre verdadeiros e edificantes (KENNY, 2003).

3.2 Origens Religiosas do Esporte

O homem por natureza é realizador de movimentos e atos. Ações de sobrevivência como, por exemplo, caçar, nadar, escalar e correr possibilitaram à raça humana a oportunidade de se desenvolver. Os movimentos são pertinentes aos seres, não somente ao homem, como para todos os outros animais, porém é o ser humano que, ao desenvolver uma cultura, começa a dar significado aos gestos e práticas corporais. Aí, então, o movimento se torna algo cultural.

Se em determinados momentos históricos a prática esportiva esteve associada ao tempo livre, ao lazer e à profissionalização, sua origem remete à sobrevivência, ao culto aos deuses e ao cumprimento de rituais, visto a valorização de que desfrutavam as proezas corporais, na forma de danças, ginástica e jogos (RUBIO, 2001, p. 109).

Atualmente, associado ao lazer e ao uso do tempo livre é reconhecido como profissão, matéria prima da indústria cultural, além de figurar como uma das poucas formas de rápida ascensão social (RUBIO e CARVALHO, 2005, p. 350).

É impossível, no entanto, determinar com efetiva precisão o ano / a época de origem do desporto. Sendo o primeiro documento comprovando a prática esportiva no Ocidente uma pintura da Civilização Minoica, com data de aproximadamente 1550 a.C. Essa pintura mural, confeccionada na técnica de afresco, apresenta dois garotos posicionados de uma forma muito semelhante a do nosso esporte conhecido como boxe, foi encontrada na Ilha de Santorini, na Grécia (TSURUDA, 2007, p. 19). Por outro lado, o documento escrito mais antigo data de 776 a.C., é uma escrita encravada em mármore que perpetua o nome de Corebo, primeiro vitorioso dos Jogos Olímpicos (SÉRGIO, 1996, p. 351).

Como aparece acima, em se tratando de origens do esporte, não há como não escrever sobre os gregos. Mesmo que não existam certezas acerca de datas e / ou locais para o início da prática esportiva, um fato é de concordância de muitos autores: são os poemas de Homero e Hesíodo que apresentam os primeiros relatos de práticas esportivas no Ocidente (RUBIO, 2001, RUBIO e CARVALHO, 2005, MONTEIRO, 2007, TSURUDA, 2007). Monteiro (2007, p. 92) reforça que “A origem dos jogos desportivos, ao que parece, ficou perdida na poeira dos tempos imemoriais (...) a origem das provas desportivas se confundem com os tempos mais remotos alcançados pela memória dos antigos poetas e historiadores gregos”.

Com relação ao religioso – nos passa Manuel Sérgio (1996, p. 350) - o próprio local onde ocorriam os jogos, Olímpia, “não era uma cidade, mas um vasto recinto sagrado [...] Nela, residiam unicamente magistrados e sacerdotes”, ou seja, demonstra que o próprio chão onde pisariam os atletas deveria ser um lugar sagrado.

Acerca da criação e origem dos Jogos Olímpicos, Monteiro (2007) e Manuel Sérgio (1996) nos contam que o rei de Elida, Ifito, foi o instaurador dos jogos. Diz a lenda que em tempos em que o povo estava se deparando com dificuldades – onde as guerras e as doenças estavam amolando a população – o rei Ifito foi até o templo de Delfos para pedir conselhos sobre o que deveria fazer. A resposta foi que os Jogos Olímpicos deveriam ser instaurados para acabar com as trevas e que todas as guerras deveriam ser paralisadas enquanto acontecessem os jogos. Foi então que em Elida – Ocidente do Peloponeso, onde Zeus costumava praticar jogos desportivos e onde desafiou seu pai Cronos pretendendo disputar-lhe o comando do império de todo o universo – o rei Ifito criou os Jogos Olímpicos (SÉRGIO, 1996). O mesmo autor (1996, p. 352) ainda completa que o mais impressionante acerca do reinado de Ifito é que “num tempo de rivalidades insanáveis, a

trégua olímpica foi sempre respeitada. No reinado de Ifito e através das gerações, em todo o mundo grego. O ideal pan-helénico ressaltava, nítido, deste pacto sagrado”. Podemos comparar esse cessar das guerras com acontecimentos mais recentes da história humana – mais precisamente discórdias ocorridas na primeira metade do século XX. Porém os fatos mais atuais demonstram a relação contrária ao que acontecia na Grécia Antiga. Ao invés de as guerras pararem em função dos Jogos, os Jogos é que foram cancelados para dar lugar às duas grandes guerras mundiais. Um terrível câmbio. Aquilo que tem por sua origem um caráter pacificador fica esquecido para que os enormes egos de líderes, baseados em anti-valores, sejam inflados.

Felizmente fatos posteriores aos citados anteriormente nos mostram que o antigo ideal esportivo grego (de cessar guerras) ocorreu novamente. “Quem diria que o desporto poderia ser um território para se conseguir a paz mundial? Actualmente acredita-se que foi o desporto que ajudou a evitar uma guerra entre as duas potências mundiais durante um longo período a que se deu o nome de Guerra-fria” (GARCIA, s/d, p. 69).

Através das escritas acima pudemos perceber que a origem dos Jogos Olímpicos da Antigüidade tem por sua base a religião. Mas também a interrupção dos Jogos foi marcada por uma questão religiosa. Como as atividades desportivas dos Jogos Olímpicos eram realizadas com o corpo nu, os jogos encontraram o seu banimento no ano 351 em nome dos ideais cristãos que iam contra o exibicionismo do corpo despido (COLEMAN, 1989).

No restabelecimento dos jogos da era atual, o desporto esteve, mais uma vez, ligado aos valores sagrados. Conta Mollmann (1989, p.109) que “Coubertin coroou a idéia olímpica moderna através de sua concepção sobre a *religio athletae*: A ‘religião do esporte’ deve ser a preparação do caminho – unindo os povos – para uma futura ‘religião mundial’”. A idéia de Coubertin para a nova religião olímpica trazia um forte traço de ideal apaziguador entre as religiões existentes. Ninguém deveria abandonar a sua religião de origem, ninguém deveria esquecer as suas crenças. Antes de qualquer coisa, a nova religião olímpica deveria trazer a paz para as religiões rivais do mundo. E das antigas e atuais práticas religiosas Coubertin apenas carregou os ritos e sentimentos, não os deuses, mostrando que todas as pessoas, a humanidade em geral, deveriam se tornar conteúdo da religião olímpica moderna (MOLLMANN, 1989). Nesse ponto histórico, nota-se muito mais que uma relação entre esporte e religião: o desporto passaria a ser o criador de uma nova cultura religiosa, que contaria com toda a humanidade.

Um outro exemplo reforçador das origens religiosas do esporte é o comumente conhecido como “Futebol Maia”, ou, o Jogo de Pelota. Segundo Camargo (2004, p.21) o jogo de pelota seria “uma atividade esportiva datada de 1400 a 1250 a.C., que influenciou algumas modalidades esportivas conhecidas”. No entanto a autora não refere quais seriam essas modalidades. Acerca desse mesmo assunto Tonelli (1997, p. 21) descreve:

[...] discute-se o caráter religioso mesclado ao esportivo no jogo de pelota, pois envolvia ritos de fertilidade e sacrifícios humanos; não há consenso entre os pesquisadores se o time perdedor ou vencedor era o sacrificado, visto que era uma honra ser sacrificado aos deuses, reforçando a hipótese de que os jogadores se esforçavam para vencer mesmo sabendo que iriam morrer.

A passagem acima descrita nos revela a força do entrelace que envolve o esporte e a religião, desde os tempos mais primórdios. Em nome dos valores sagrados os atletas estariam dispostos a morrer.

Ainda que não haja um consenso sobre quem era sacrificado, no caso de serem os vencedores, pode-se verificar a enorme importância dada aos vitoriosos, visto que, somente eles teriam a honra de estar ao lado dos deuses. Para o caso dos derrotados serem os sacrificados Camargo (2004) explica que era baseado numa noção de dívida, pois na sociedade Maia todos aqueles que deviam pagavam com o auto-sacrifício ou com o próprio sangue.

3.3 Esporte e Religião

Para uma melhor compreensão daquilo que está por vir, creio ser interessante definir os conceitos de Esporte e de Religião. Sobre os valores religiosos já foram escritas algumas linhas, não sendo necessário uma nova definição. Por isso, no presente momento, apenas irei conceituar o esporte.

De um conceito de esporte trago o descrito no ano de 2000 nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (o PCNEM brasileiro, p. 43):

Considera-se esporte as práticas em que são adotadas regras de caráter oficial e competitivo, organizadas em federações regionais, nacionais e internacionais que regulamentam a atuação amadora e profissional. Envolvem condições especiais de equipamentos sofisticados como campos, piscinas, bicicletas, etc.

E quase como um complemento não proposital da passagem anterior, Higgs citado por Coleman (1989, p. 25) percebe o fenômeno chamado esporte como sendo “jogos competitivos regidos por regras no espaço e no tempo, diferindo portanto de outras formas

de jogo ou diversão, e que exigem esforço e combatividade, tanto física, como mental, da parte dos competidores”. Ou seja, por via de regra os autores tendem a definir o esporte como algo regido por regras que fazem o equilíbrio ser mantido entre os adversários, sem inclinações. Além disso, pensa-se que deva ser mediado por uma federação - ou confederação, associação, etc. E que seja algo diferente e a parte de diversões e jogos lúdicos. Garcia (2007, p. 34), por sua vez, propõe: “Quase todos já fomos, pelo menos uma vez, sujeitos do esporte. Mesmo praticando ou fruindo-o, continuamos a sentir dificuldade para defini-lo. E isto porque, talvez, o esporte não seja passível de uma definição”. Creio que a ação de praticar esporte esteja muito ligada ao próprio propósito do praticante. Alguém pode estar, por exemplo, de roupas sociais voltando para casa depois do trabalho e, ao passar pelo campinho de futebol perto de sua morada, é convidado a entrar na partida para completar um dos times. Essa pessoa – mesmo sem vestimentas adequadas, e o jogo sem o cunho competitivo ou regras definidas – se perguntada poderá muito bem responder, ao chegar em casa, que se atrasou por estar praticando esporte. Enfim, o que quero dizer é que o desporto é algo muito maior do que um simples ajuntamento de regras e de objetivos práticos. É uma expressão cultural de quem o pratica. E é dessa forma que o esporte é assumido no presente estudo.

Segue abaixo um trecho de Costa (1991, p. 114) propondo que o desporto moderno:

“[...]continua a ser o herdeiro dos seus antepassados longínquos e guarda, pelo menos no seu inconsciente, uma recordação indestrutível do seu passado imemorial. Podemos portanto situar o desporto entre os fenômenos modernos de estrutura mítica e de natureza religiosa”.

3.3.1 Do Esporte Arcaico ao Atual

Já vimos que o esporte tem a sua origem entre os rituais e fenômenos ligados à religiosidade. Que o seu primórdio está embasado nos valores sagrados. Através disso surge a pergunta: O desporto atual também tem sua fundamentação e base estrutural nos aspectos religiosos? Alguns autores arriscam-se a responder essa questão. E é isso que será tratado a seguir.

Na Grécia Antiga “os desportos eram mais do que simples relação com a religião, eles eram a própria religião; o físico, o espírito, as emoções, a fraternidade e a comunhão eram vincadamente um tratado cultural do maior empreendimento humano”. Essa passagem de Monteiro (2007, p.36) exprime a noção de sintonia, de afeição pelo todo, não de cuidar e tratar somente do corpo, como também não dar atenção única e exclusivamente

para a alma ou espírito. O esporte se encarrega de uma educação total, global. Irriga mente e corpo, o material e o etéreo. Torna o sujeito completo. Uma mente extremamente desenvolvida em um corpo frágil não tem a mesma relevância de uma mente bem desenvolvida em um corpo bem desenvolvido. Assim como o contrário também é válido. Tudo isso resume a fundamentação do esporte como era visto na sociedade grega. Porém, como nos assegura Garcia (2007, p. 34) “O esporte grego tem um significado religioso imediato e consciente. Embora mantenha alguns traços dessa significação em sua estrutura e forma de funcionamento, o esporte atual não o possui”, ou seja, diferente do esporte grego que era “a própria religião” – como nos mostra Monteiro acima citado - o desporto atual tem vínculos fortíssimos (talvez bases enraizadas) com a religião e seus manifestos, mas não é uma representação (pelo menos consciente e proposital) da religiosidade e de órgãos religiosos em si. Assumindo essa mesma idéia, Coleman e Baum (1989) asseguram que não há continuidade entre o esporte moderno e o ideal e a prática do esporte da antiga Grécia, pois o surgimento do desporto moderno coincide com o industrialismo. Além disso, os mesmos autores ainda refletem que foi rompido o antigo vínculo entre esporte e festas religiosas ou dias festivos, além de que – com o crescimento das indústrias – declinou o envolvimento das Igrejas Cristãs como patrocinadoras esportivas.

3.3.2 Aproximação do Divino: O esporte como meio de ascensão

Se perguntarmos a um monge religioso qual é o sentido de suas práticas religiosas, ele, por certo, responderá que é a sua emancipação divina, ou a realização de Deus, ou ainda, superar a sua condição humana. Se fizermos essa mesma pergunta sobre as práticas desportivas a um atleta, a resposta, para a maioria, será: superar-me, atingir o máximo, conquistar uma medalha (ou campeonato) (...) a dedicação a causas especiais exigem muito da alma humana. (MONTEIRO, 2007, p. 151).

O sentido de superação demonstra com exatidão mais uma forte relação entre esporte e religião. O religioso que se atém aos ensinamentos de sua cultura sagrada certamente o faz por querer superar-se. Quanto mais ele se superar, mais perto estará de uma condição divina. Estará rompendo e escalando a sua condição humana para algo maior. No esporte isso não é diferente. “A absurdidade (aparente) do sacrifício, que o treino e a competição comportam transforma-se em plenitude de esperança, quando o atleta conclui que na prática desportiva sublima as suas inclinações, permite realizar um tipo perfeito de Homem” (SÉRGIO, 1996, p. 355). O atleta que treina todos os dias exaustivamente, que quebra recordes, que supera barreiras está se engrandecendo,

tornando-se algo mais que humano. Também “o desporto nos ajuda a descobrir a imagem do homem integral, apresentando-se assim como uma revelação sobre o que no homem é universal e eterno” (COSTA, 1991, p. 115). Ou seja, tanto esporte como religião buscam um degrau mais alto do que esse onde nos encontramos – constituem uma intenção do homem de querer perdurar. A partir dessa visão de engrandecimento Suzuki citado por Lenk (1989) faz um relato acerca do alcance desse patamar divino (em uma luta de espadas) descrevendo que para alcançar o desempenho máximo – como também para alcançar um estado de espírito elevado – é necessário que se desligue de tudo. No caso da luta de espadas, não há mais o eu, não há mais o adversário, não há mais a espada; tudo é um vácuo, inclusive o próprio pensamento, e desse vácuo absoluto nasce o perfeito desempenho. E o esporte se configura como um método de alcançar esse estado de elevação, pois visa de maneira muito centrada o desempenho e a superação. Talvez esses sejam fortes motivos da relação tão estreita que por vezes faz com que os dois (esporte e religião) se confundam em uma mesma atmosfera. Nesse sentido Ryan (1989, p. 117-118) compõe:

As qualidades humanas que sustentam as atividades atléticas são as mesmas que sustentam as atividades da vida espiritual. Disciplina, dedicação, entusiasmo e perseverança são algumas dessas qualidades humanas tão evidentes em nosso esporte. (...) Outros exemplos de constante intercâmbio entre atividades corporais e benefícios espirituais: os esportes movimentam nossas faculdades mentais de atenção, observação, análise, ordem, julgamento e avaliação. Precisamos de todas essas qualidades bem aguçadas se quisermos viver como cristãos e discernir os valores evangélicos numa sociedade secular que parece pouco inclinada a reconhecer a Deus.

Também Costa (1991, p. 113) expõe:

Podemos mesmo afirmar que o comportamento religioso e o comportamento desportivo têm semelhanças profundas: obedecem aos mesmos modelos, manifestam as mesmas estruturas fundamentais do homem, põem a mesma problemática, implicam o mesmo tipo de ascese e revelam finalmente o mesmo tipo de homem.

O Papa João Paulo II (2000, p. 6 e p. 13), antiga autoridade máxima da Igreja Católica, também discorreu sobre o assunto, dizendo que “a actividade desportiva manifesta , além das ricas possibilidades físicas do homem, também as suas capacidades intelectuais e espirituais” e que “sem equilíbrio, autodisciplina, sobriedade e capacidade de actuar honestamente com os outros, o desportista não é capaz de compreender plenamente

o sentido de uma actividade física destinada a robustecer, além do corpo, o espírito e o coração”.

As afirmativas descritas acima nos remetem a pensar sobre a profundidade do envolvimento entre os esportes e as diversas formas de religiosidade – ou valores religiosos, valores sagrados, espiritualidade.

Através dos destaques feitos acima podemos extrair diversos exemplos. O atleta que se priva de uma noite de festas na sexta-feira em favor de uma partida de campeonato no domingo possui semelhante disciplina que um religioso cristão tem ao não comer carne na sexta-feira Santa. O árduo dia a dia de treinamentos compara-se com a dedicação Muçulmana que pára todos seus afazeres várias vezes ao dia para ajoelharem e orarem. “Assim o futebol e basquete e o ciclismo podem ser disciplinas da vida espiritual, também, na medida em que ajudam a munir o caráter e a personalidade com qualidades que se prestam também à vida espiritual” (RYAN, 1989, p. 117). Essa afirmação de Ryan consegue explicar muito bem a velha frase – dita popularmente – de que “o esporte é uma religião”, pois as práticas desportivas necessitam dos mesmos valores que as religiões.

Muito interessante, também, se mostra o estudo conduzido por Walseth e Fasting (2003) que trata sobre a visão de esporte que possuem as mulheres egípcias islâmicas. Consideram que o corpo é um presente de Deus. Sendo ele um presente o que se faz com esse corpo é uma escolha individual, mas são essas escolhas que decidem o lugar de cada um no céu. E, além disso, o profeta do Islã propõe que uma pessoa, submissa a Alá, forte é melhor e mais amada por Ele em comparação a uma fraca (WALSETH e FASTING, 2003). Através disso, entende-se que um corpo fortalecido pelo desenvolvimento esportivo está muito mais próximo e é muito mais amado pela divindade. E isso exprime mais um argumento dessa noção do esporte como elevação ao sublime.

3.4 Futebol e Religião

[...] por vezes explodia em dribles desconcertantes, fintas, arrancadas imparáveis, remates inesperados, como se um anjo negro tivesse descido ao relvado com a camisola do Benfica ou das quinas para num repente fazer o milagre do golo e da vitória (ALEGRE, 2004, p. 169).

O trecho acima trata do jogador português Eusébio, que, em sua época de atuação, estava entre os melhores jogadores do mundo. O autor se refere a ele como um ser angelical milagroso. Uma força extraordinária que supera qualquer adversário.

Através desse sentido de superação, não somente o futebol como também a vida se mostra como um mar de desafios. Nessa competição em que se configurou a vida cotidiana atual cada pessoa faz o que bem entende quando bem entende. Interessante a explicação irônica que Potter (2008) - no programa de rádio “Pretinho Básico” da Rede Atlântida - fez sobre a sociedade atual onde disse: “o que acontece é que está em movimento o grande torneio mundial de seres humanos, já há alguns anos, que consiste em as pessoas tirarem vantagem sobre as próximas. Vencendo aquele que mais passa sobre os outros, não importando a ética, a moral e os bons costumes. O importante é se dar bem”. Esse discurso irônico, mas verdadeiro, infelizmente, ilustra muito bem o processo pelo qual estamos passando.

Por si só, esse já é um argumento muito relevante para que muitas pessoas busquem a religiosidade, o sobrenatural para ajudá-las nessa “corrida” que se tornou a vida cotidiana. Como refletido acima, em que tudo é menos controlável, diversas pessoas crêem em algo superior a nós, que possa nos ajudar / aconselhar / proteger / abençoar... Enfim, que possa tornar mais segura essa passagem que estamos desenvolvendo (LEME, 2005).

Porém, o fato é que, nem todas as pessoas se fazem religiosas, embora todas as pessoas dividam a mesma sociedade competitiva. Há aqueles que simplesmente não acreditam que possa existir algo (ou alguém) superior capaz de realizar todas essas funções protetoras. Fato esse que se mostra um tanto distante no futebol, onde, se não todos, pelo menos a maioria dos atletas e envolvidos com o esporte se relacionam com práticas e manifestações religiosas. Um bom exemplo disso é o Pai Nosso realizado pela equipe antes de o time entrar em campo, que se mostra praticamente unânime nos clubes brasileiros (MONTEIRO, 2007, LEME, 2005, RIAL, 2008).

Ora, o Pai Nosso é uma oração católica, mas antes da partida ele é rezado por todos do time, mesmo os luteranos, espíritas, umbandistas, ateus, etc., participam desse ritual.

Os atletas de futebol, além de estarem presentes na sociedade atual - que por si só já motiva a busca a uma crença em algo que possa ajudar, estão vinculados a um meio onde é plena a instabilidade e a incerteza. O futebol profissional conta com um ambiente de altíssima competitividade, não só nos jogos, de um time contra o outro, como também a competitividade interna dos clubes, pelas vagas na equipe. Além do mais, a qualquer momento, o jogador pode ser “amaldiçoado” por uma lesão, o que o cortará da disputa pela titularidade, por exemplo. Vivem uma vida de “apostas”. Isso tudo sem contar o fato de que existem “coisas que só acontecem no futebol” (como dito popularmente). Não são

raras as ocasiões em que um time reconhecidamente mais fraco vence aquele mais forte, por exemplo.

A espiritualidade - a busca de Deus - poderia ser entendida como manifestação dos indivíduos em busca de uma energia suprema que possa atender às necessidades do momento e assegurar conquistas ilimitadas (SIMÕES e CONCEIÇÃO, 2004, p. 357).

Todos esses indicadores podem comprovar que os fatores de busca aos valores religiosos, à religiosidade e apelo ao sobrenatural são inúmeros dentro do esporte. O futebol se mostra como um mar de possibilidades em que os objetivos nem sempre são alcançados e isso faz com que um grande número de praticantes queiram contar com uma ajuda a mais, com algo que ninguém possa lutar contra.

3.5 Futebol e Religião no Brasil

Não sei se Deus é brasileiro. Mas sei que foi o Brasil que fez do futebol uma arte divina, executada por deuses humanos, de carne e osso, irmanados no cultivo de uma estética da curva e da sinuosidade (...) Realmente o futebol que o Brasil reinventou e difundiu pelo mundo é muito mais do que um desporto. É uma religião de malícias e dribles, um jogo de sensualidade e gozo dos sentidos, para encanto dos olhos, incêndio das paixões e arrebatção das almas (BENTO, 2006, p. 141).

Sendo o futebol um dos esportes mais praticados no mundo e que leva consigo números impressionantes de pessoas aficionadas pelo jogo, o Brasil destaca-se nesse contexto, reunindo imensidões de torcedores (dos mais apaixonados) dentro dos campos e além deles. Daolio (2005, p. 6) escreve um texto considerando como sendo o futebol um esporte que movimenta massas e que “[...] constitui-se numa das principais manifestações culturais brasileiras, constantemente atualizada e ressignificada pelos seus atores”. Destaco no trecho abaixo:

O futebol brasileiro tem se constituído, ao mesmo tempo, em expressão da sociedade brasileira e em um modelo para ela, espelhando toda a sua dinâmica, com todas as riquezas nela presentes. (...) Ora, se o brasileiro traz em sua dinâmica cultural características mágicas, religiosas, supersticiosas, crendices etc. e se o futebol expressa e espelha a cultura, então o futebol também apresenta essas características (DAOLIO, 2005, p. 5-6).

Ou seja, grande parte do povo brasileiro tem por uma de suas principais características o forte apego à religiosidade e à entidades religiosas (Deus, Jesus Cristo,

Pais de Santo, Santos, Orixás...). E como o futebol já se configura como uma manifestação da cultura desse povo, num contexto geral, outros elementos dessa mesma cultura entraram em contato com o esporte, perpassando-se para o jogo. É o caso da religiosidade. Nesse sentido, Da Matta (1989, p. 62) expõe que “(...) uma associação de futebol (...) é também um veículo para uma série de dramatizações da sociedade brasileira”. O mesmo autor ainda relata almejar que, ao alcançar um alto nível de compreensão acerca do futebol brasileiro, possa interpretar a sociedade brasileira de um ponto de vista sociológico profundo. Essas convicções ajudam a fortalecer a idéia de que o futebol brasileiro é um espelho do povo, tornando-se inclusive um meio para a interpretação social desse povo. E que a cultura da sociedade se transfere para o jogo. Outra conclusão interessante é a que Da Matta (1989, p. 65-66) propõe sobre a existência de três jogos concomitantes no futebol brasileiro: um jogo que é o real, praticado pelos jogadores profissionais; um segundo jogo que é o do povo (torcidas); e um terceiro jogo “disputado no ‘outro mundo’ onde entidades sobrenaturais são chamadas para exercer influência no ‘nosso time’”. A própria linguagem dos atletas, torcedores e envolvidos com o futebol tem apelos ao sobrenatural. Derek Pardue (2002) desenvolveu um estudo acerca dos discursos no futebol brasileiro e percebeu que muito frequentemente os brasileiros utilizam expressões de sorte e de religiosidade sobre o destino e a natureza dos jogos e que, acima de tudo, a equipe vencedora é abençoada. Pardue também propõe que os atletas possuem frases repetitivas - de cunho formal – usando a sorte e Deus como forças responsáveis pelos resultados.

No entanto, o vínculo futebol-religião no Brasil vem de muito tempo antes da massificação desse esporte no país. Vem dos tempos em que o esporte estava se disseminando pelo território nacional. Cerca de uma década após Charles Miller ter trazido o desporto até o Brasil, a primeira bola manufaturada foi criada pelo padre Manuel Gonzales, que foi um dos difusores do futebol no estado de São Paulo (MURAD, 2004). “A relevante participação do Padre Manuel Gonzales simboliza um elemento que deve ser sublinhado na história social do futebol brasileiro: a actuação dos colégios religiosos, principalmente os católicos” (MURAD, 2004, p. 79). Esse fato nos mostra que não somente a religiosidade se inseriu no futebol ao longo dos tempos, como também o futebol contou com a participação de pessoas e órgãos ligados à religião para se estender pelo país. Pois bem, sendo o futebol um esporte que mantém corriqueiramente as manifestações de crenças religiosas durante sua prática, podemos nos perguntar: quais são essas manifestações? Segundo Daolio (2003, p. 195-196):

Os exemplos dessas práticas supersticiosas são inúmeros e podem ser constatados na imprensa ou nos estádios de futebol. Os jogadores rezam antes do jogo; os torcedores fazem promessas no caso de vitória de seu time; pais-de-santo são “convocados” nos jogos decisivos; alguns técnicos só se vestem com uma determinada cor; os jogadores, após a conquista de um título, fazem peregrinação a alguma igreja cuja padroeira “ajudou” o time.

Outros exemplos nos são trazidos por Leme (2005, p. 15) em sua dissertação de mestrado:

Especificamente no futebol, as manifestações são intensas – um exemplo é a frequência com que atletas vão ao Santuário de Nossa Senhora Aparecida, em Aparecida, interior de São Paulo, para agradecer e pedir graças. Como também as manifestações que se dão através de mensagens e imagens religiosas nas camisas dos atletas, sendo mais evidentes entre os “Atletas de Cristo”, em sua maioria evangélicos.

Após citar vários nomes de santos aos quais os atletas e torcedores se voltam, Rosenfeld (1993, p. 103) descreve certos atos de manifestações religiosas:

[...] fazem promessas na igreja e o sinal-da-cruz quando entram em campo, realizam, ao mesmo tempo, gestos mágicos que influenciam magneticamente a bola, batem nas traves e traçam linhas misteriosas para fechar o gol (para mantê-lo “virgem”). Embebem de água a chuteira (“meu santo está com sede!”) ou lavam os pés, em banhos de ervas que lhes são prescritas por pais-de-santo, após o que atiram o líquido no campo do adversário, para prejudicá-lo. Às vezes equipes inteiras, antes que o jogo comece, são objetos de rezas e defumações.

Outros importantes exemplos de que a religiosidade tem forte vínculo com o futebol são as matérias de jornais, tele-jornais, revistas... Que não poucas vezes trazem títulos de artigos com apelos ao religioso. As palavras milagre e inferno, por exemplo, são freqüentemente utilizadas quando se referem a alguma equipe que está próxima a zona de rebaixamento (a palavra “inferno”, tem também muito prestígio pelas torcidas, que em inúmeros casos apelidam o estádio do seu clube com esse vocábulo religioso, querendo enfatizar a dificuldade que é de se jogar naquele local), dizendo que precisa de um milagre para escapar da situação em que se encontra. Outras relações que a mídia oferece são, por exemplo: o estádio como catedral, o goleiro que realiza milagres, o atleta que é santo (aqui cabe o exemplo do jogador que era chamado de “Jesus Christian” nas rádios), o futebol é uma religião, etc.

Uma breve pesquisa em uma ferramenta de busca da Internet já torna possível demonstrar o quanto as notícias sobre futebol relacionam o desporto com a religiosidade:

Pelo penta, Verdão conta com 'Inferno Verde' [Lancenet, 9/11/2008].
Em casa, Ipatinga quer iniciar 'milagre' para não cair [Estadão, 15/11/2008].
Figueirense busca milagre na grama do Morumbi [Clic RBS, 15/11/2008].
Do inferno aos céus [Canal Palmeiras, 09/03/2008].
Juventude x Palmeiras: céu e inferno [GloboEsporte.com, 27/07/2007].
Do céu ao inferno em uma semana [GloboEsporte.com, 10/04/2008].
Missa é celebrada para afastar maus resultados [Diário Online Esporte].
São Jorge que faça milagre [Futebol, Política e Cachaça, 15/10/2007].

No entanto, deixando um pouco de lado os gestos e as práticas dessas manifestações, podemos perguntar: qual será a importância de um lado religioso aflorado para o desenvolvimento dos atletas? Dentro da formação de um jogador de futebol – contando, é claro, com todas as partes da preparação física e desenvolvimento dos gestos técnicos – qual será a importância das manifestações religiosas, ou práticas religiosas, no futuro esportivo de um atleta profissional?

Carravetta (2006) escreve um capítulo inteiro sobre as variáveis sociais e culturais que tem influência sobre o desenvolvimento técnico do jogador. Relewa sobre vários aspectos, incluindo: a aprendizagem cultural, a escolaridade, a influência da família, a ocupação do tempo livre, o que motiva para a busca do rendimento e etc, mas não inclui nada sobre o aspecto religioso, o que, segundo o autor, subentende-se, não tem relevância para o desenvolvimento técnico do jogador.

Já Leme (2005, p.223) discorrendo sobre as entrevistas de sua pesquisa de mestrado nos informa:

Um dado significativo observado é da relação prestigiosa entre futebol e religião – todos os atletas informaram não ser possível desvincular a religião do futebol. Percebemos que a crença confere uma certa estrutura para o atleta suportar a pressão do dia-a-dia e para lidar com situações que fogem ao controle pessoal (como lesões físicas, por exemplo).

Nesse mesmo sentido Damo (2008, p. 141) sugere que:

[...] atletas tendem a crer que são ao mesmo tempo predestinados e precisam empenhar-se de corpo e alma para que o sucesso pessoal seja alcançado. Eles crêem no dom, como um mistério que faz com que alguns sejam predestinados,

e também no treinamento, cujo esforço mundano é contrário à idéia de mistério, de sorte, de destino e assim por diante.

Ainda discutindo sobre os entrevistados de sua pesquisa, Leme (2005) relata que entre a relação da palavra de Deus e o sucesso do clube, tanto a crença quanto o treinamento são importantes, não adiantando, para os entrevistados, treinar sem rezar e vice-versa. E “[...] para o atleta, algumas das funções da religião colaboram com outros desempenhos: o físico, tático, técnico e emocional” (LEME, 2005, p. 225). Ou seja, o atleta que possui uma crença religiosa, atribui a ela muito mais do que o seu sentimento, a sua estabilidade emocional e espiritual, crê inclusive que o Ser Superior possa lhe aperfeiçoar a técnica e a tática, que são trabalhadas arduamente.

Enfim, diversos são os apontamentos que demonstram a ligação da religiosidade e do futebol. Como demonstrado no texto, as manifestações de crenças, assim como as crenças religiosas propriamente ditas, ligam-se ao esporte de maneiras muito variadas. Desde os primórdios do futebol no Brasil, até os dias recentes, podemos perceber que a religião faz parte do espetáculo futebolístico e que essa parceria tem grande significado para ser estudada.

4 Considerações Finais

É através dos valores que cada pessoa guia a sua vida. Dentro da escala hierárquica dos valores, cada pessoa determina as suas ações de acordo com o valor que tem maior afinidade. No esporte isso não ocorre de outra maneira. E, em se tratando dos valores religiosos, existe uma afinidade especial entre esse tipo de valor e o fenômeno desportivo. Desde a sua origem o esporte esteve ligado ao cumprimento de ritos religiosos e ao culto aos deuses. Mesmo não existindo um consenso acerca da criação do esporte muitos autores concordam que os poemas de Homero e Hesíodo representam os relatos mais antigos da prática esportiva no ocidente. E nos poemas se percebe a forte relação estabelecida entre jogos esportivos e a religiosidade. As competições poderiam estar ligadas desde rituais fúnebres até honras aos deuses.

Outro fato em que concordam diversos autores é o de que o registro escrito mais antigo acerca do esporte data de 776 a.C. É uma marcação em pedra honrando o primeiro vencedor dos Jogos Olímpicos. A partir da criação das Olimpíadas até atualmente, os Jogos estiveram intimamente ligados aos valores sagrados. Originaram-se da cultura religiosa, tiveram sua paralisação por um banimento que a igreja católica impôs – os Jogos eram realizados pelos atletas nus e esse fato não foi tolerado – e foram retomados por Coubertin, que tinha como uma de suas intenções criar uma nova religião mundial, que servisse de motivos para unir os povos.

Porém o esporte atual, embora tendo relações fortes com a religião, não mais se configura como algo de natureza estritamente religiosa. Mesmo com o forte entrelace que há entre o desporto e os valores religiosos não é necessário que atividades esportivas sejam realizadas somente junto a rituais e dias festivos religiosos: o esporte tem a sua vida independente da religião. Mas, mesmo assim, muitos atletas e praticantes vinculam fortemente a sua vida religiosa e a sua vida esportiva. Esse fato pode muito bem ser pensado a partir de um sentido de superação que tanto os praticantes do esporte como os da religião trazem consigo. O atleta que se supera se sente engrandecido, eleva-se, tenta (e pode ter a sensação de conseguir) mais do que a superação, alcançar o transcendente. Na vida religiosa acontece da mesma forma: os religiosos têm por meta evoluírem e se aproximarem de seu deus.

Além do valor da superação, outro fato demonstra um indicador do vínculo entre o esporte e a religião: valores como disciplina, comprometimento, dedicação e entusiasmo, entre outros, são qualidades necessárias tanto no esporte como na vida religiosa. O atleta, a

pessoa ou o indivíduo que possua essas características pode, caso queira, ter sucesso na caminhada para a religiosidade como para a esportiva.

Nesse mesmo sentido o futebol vem com uma ligação especialmente forte com a religiosidade. Inúmeras são as manifestações de valores sagrados que encontramos na prática desse desporto. Um bom exemplo é a oração católica “Pai Nosso” realizada nos vestiários das equipes antes de entrarem em campo. Certamente muitos podem rezar com fervor e fé, mas, por outro lado, muitos podem simplesmente acompanhar o grupo nessa manifestação que já se tornou um ritual. Faz-se por estar enraizado. Então a reza se torna, ao mesmo tempo, ritual e religiosidade.

No Brasil o futebol é o esporte mais popular. Todo o povo torce, vibra, discute e comenta. E, ao mesmo tempo, o povo brasileiro tem em sua essência uma religiosidade muito desenvolvida. Acontece que, através das expressões culturais da sociedade brasileira, o futebol assume características populares. A religiosidade é uma delas. Além disso, essa parceria é reforçada pelas mensagens veiculadas pelos meios de comunicação de massa. É comum de verificar títulos de matérias de jornais, de revistas e de televisão agregando termos sagrados às situações das equipes e dos jogadores. E, aliado a tudo isso, também existem os pensamentos dos próprios jogadores: muitos atribuem o sucesso ao fato de terem recebido um dom ao nascerem. Porém, afirmam que de nada adiantaria o dom se não se dedicassem com seriedade e comprometimento aos treinamentos.

Enfim, é fato que o futebol e os valores religiosos estão intimamente ligados. Mas essa ligação pode ser realmente uma demonstração dos valores sagrados dos atletas como podem ser simplesmente atos ritualísticos enraizados historicamente. Ou ambos concomitantemente. O casamento futebol-religião, mesmo sendo algo tão evidenciado, ainda é pouco estudado empiricamente. Poucos artigos científicos foram encontrados para realização dessa monografia. Dessa forma expresseo o meu desejo em dar continuidade a esse estudo. Tentando, a partir da base teórica conquistada nesse trabalho, evidenciar de maneira empírica os fatos vistos na literatura.

REFERÊNCIAS

ADEMAR, L. *Juventude x Palmeiras: céu e inferno*. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/0,,MUL78459-4276,00.html>> Acesso em 26 de novembro de 2008.

ALEGRE, M. A pantera, o anjo e o menino. In: GARGANTA, J.; OLIVEIRA, J.; MURAD, M. *Futebol de muitas cores e sabores: reflexões em torno do desporto mais popular do mundo*. Porto: Universidade do Porto, 2004.

ALLIATTI, A. *Do céu ao inferno em uma semana*. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/Futebol/Gremio/0,,MUL395346-4411,00.html>> Acesso em 26 de novembro de 2008.

ATLETASDECRISTO.ORG. Evangelização. Disponível em: <<http://www.atletasdecristo.org/quemsomos.html>> Acesso em 30 de outubro de 2008.

BASTOS, M; MACEDO, S. Esporte discute se é "profissão de fé". *Folha de São Paulo*, 23 de agosto de 2009.

BENTO, J. O. Do Futebol Brasileiro. In:_____. *Desporto e Lusofonia: Um Traço de União*. Porto: Universidade do Porto, 2006.

BENTO, J. O. Olhares e estados de alma. In: GARGANTA, J.; OLIVEIRA, J.; MURAD, M. *Futebol de muitas cores e sabores: reflexões em torno do desporto mais popular do mundo*. Porto: Universidade do Porto, 2004.

BLACKBURN, S. *Dicionário Oxford de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

CAMARGO, V. T. Jogo de pelota e sacrifício humano. *Ciência e Cultura*. São Paulo, v. 56, n. 1, Jan. 2004 . Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252004000100016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 24 de agosto de 2009.

CARRAVETTA, E. S. P. Diagnóstico das variáveis sociais e culturais que influenciam no desenvolvimento técnico do jogador de futebol brasileiro. In:_____. *Modernização da gestão no futebol brasileiro: perspectivas para a qualificação do rendimento competitivo*. Porto Alegre: AGE, 2006.

COLEMAN, J. A. O Esporte e as Contradições da Sociedade. *Revista Concilium*. Petrópolis: Vozes, n 225, 1989.

COSTA, A. S. *Desporto e Conhecimento do Homem*. Conferências: As Ciências do Desporto e a prática desportiva. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física – Universidade do Porto, 1991.

DA MATTA, R. Esportes na Sociedade: Futebol como Drama Nacional. *Revista Concilium*. Petrópolis: Vozes, n 225, 1989.

DAMO, A. S. Dom, Amor e Dinheiro no Futebol de Espetáculo. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 23, n. 66, 2008.

DAOLIO, J.; ZOPPI, C. C. Dente de alho, galho de arruda... Crenças e superstições no futebol brasileiro. In: _____. *Cultura: educação física e futebol*. 2. ed. rev. ampl. Campinas: UNICAMP, 2003.

DAOLIO, J. A superstição no futebol brasileiro. In: DAOLIO, J. (org) et al. *Futebol, Cultura e Sociedade*. Campinas: Autores associados, 2005.

GARCIA, R. P.; LEMOS, K. *Temas (quase éticos) de desporto*. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2005.

GARCIA, R. P. *Desporto em Ano de Mudança: desafios da educação e da cidadania*. Texto conferência apresentada no Congresso Nacional. Câmara Municipal de Gaia, 2004.

GARCIA, R. P. *Antropologia do Esporte*. Rio de Janeiro: Shape, 2007.

GARCIA, R. P. *Pelo Labirinto do Desporto*. Uma abordagem pelo olhar da antropologia. Em preparação (s/d).

GAYA, A.; GARLIPP, D. C. *Ciências do movimento humano: introdução à metodologia da pesquisa*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

HUMOR. *Pretinho Básico*. Porto Alegre: Rede Atlântida FM, 19 de agosto de 2008. Programa de rádio.

IBAÑEZ, R. *Valores, Objetivos y Actitudes en Educacion*. Valladolid: Miñon Editorial, 1976.

JOÃO PAULO II. *O Desporto é Um Dom de Deus*. Caxias do Sul: Gráfica da Universidade de Caxias do Sul, 2000.

KENNY, A. *História concisa da filosofia ocidental*. Lisboa: Temas e Debates, 2003.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. *Fundamentos da metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 1991.

LEME, C. G. *É Gol! Deus é 10: A Religiosidade no Futebol Profissional Paulista e a Sociedade de Risco*. São Paulo: PUC, Dissertação de Mestrado, 2005.

LENK, H. O Esporte entre o Zen e o Eu: A vivência do “fluxo” e a dimensão mediativa do esporte. *Revista Concilium*. Petrópolis: Vozes, n 225, 1989.

MARTINS, R. *Em casa, Ipatinga quer iniciar 'milagre' para não cair*. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/esportes/not_esp278118,0.htm> Acesso em 26 de novembro de 2008.

MASSARI, S.V. *Do inferno aos céus*. Disponível em: <<http://www.canalpalmeiras.com.br/?a=colunas&b=ver&id=7>> Acesso em 26 de novembro de 2008.

MICHAELIS, Dicionário. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/>> Acesso em 27 de novembro de 2008.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio. Brasil, 2000.

MISSA é celebrada para afastar maus resultados. Disponível em: <<http://www.diarioon.com.br/arquivo/4907/esportes/esportes-64514.htm>> Acesso em 26 de novembro de 2008.

MOLLMANN, J. Olímpia Entre Política e Religião. *Revista Concilium*. Petrópolis: Vozes, n 225, 1989.

MONTEIRO, A. O. *Desporto: Da Excelência à Virtude, Um Caminho para Crianças Jovens e Adultos*. Braga: Universidade do Minho, Tese de Doutorado, 2007.

MURAD, M. A história social do futebol brasileiro: alguns elementos para a sua compreensão. In: GARGANTA, J.; OLIVEIRA, J.; MURAD, M. *Futebol de muitas cores e sabores: reflexões em torno do desporto mais popular do mundo*. Porto: Universidade do Porto, 2004.

PARDUE, D. Discursive Play and the Hegemonic Force of Soccer in Brazil. *Journal of Sport & Social Issues*, v. 26, n. 4, 2002.

PATRÍCIO, M. *Lições de axiologia educacional*. Lisboa: Universidade Aberta, 1993.

PIRES, L.Z. *Figueirense busca milagre na grama do Morumbi*. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/blog/jsp/default.jsp?source=DYNAMIC,blog,BlogDataServer,getBlog&uf=2&local=18&template=3948.dwt§ion=Blogs&post=123222&blog=22&oldir=1&topo=3994>> Acesso em 26 de novembro de 2008.

RIAL, C. Rodar: A circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. *Revista Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, n. 30, 2008.

ROSENFELD, A. O futebol no Brasil. In: _____. *Negro, macumba e futebol*. São Paulo: USP, 1993.

RUBIO, K. Da Gênese ao Esporte Contemporâneo. In: _____. *O Atleta e o Mito do Herói: O imaginário esportivo contemporâneo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

RUBIO, K; CARVALHO, A. L. Areté, fair play e o movimento olímpico contemporâneo. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*. V. 5, n. 3, 2005.

RYAN, T. Para uma espiritualidade dos esportes. *Revista Concilium*. Petrópolis: Vozes, n 225, 1989.

SALATA, T. *Pelo penta, Verdão conta com 'Inferno Verde'*. Disponível em: <<http://www.lancenet.com.br/clubes/PALMEIRAS/noticias/08-11-09/425483.stm?pelo-penta-verdao-conta-com-inferno-verde>> Acesso em 26 de novembro de 2008.

SÃO Jorge que faça milagre. Disponível em: <<http://www.futepoca.com.br/2007/10/so-jorge-que-faa-milagre.html?showComment=1192474200000>> Acesso em 26 de novembro de 2008.

SÉRGIO, M. Os Jogos Olímpicos na Antiguidade Grega (reflexões em ano de jogos olímpicos). *Revista Brotéria*. Lisboa: Instituto Europeu de Ciências da Cultura Padre Manuel Antunes, 1996.

SILVA, M. L.; RUBIO, K. Superação no Esporte: limites individuais ou sociais? *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, v. 3, n. 3, 2003.

SIMÕES, A. C.; CONCEIÇÃO, P. F. M. Gestos e expressões faciais de árbitro, atletas e torcedores em um estádio de futebol: uma análise das imagens transmitidas pela televisão. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. São Paulo, v. 18, n. 24, 2004.

TSURUDA, M. A. L. Origens da Prática Esportiva no Ocidente. *Revista Mirandum*. Porto: Universidade do Porto, n 18, 2007.

TONELLI, N. C. A arqueologia do “futebol” maia: o jogo da pelota. *Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol*. Pesquisa de Campo. Rio de Janeiro: UERJ, n 5, 1997.

WALSETH, K; FASTING, K. Islam's view on physical activity and sport. *International Review For the Sociology of Sport*. Londres, 2003.